

# **Dois olhos, duas vidas**



**JORGE DE PALMA**



## O autor

Jorge de Palma é filho de Carmo de Palma e de Adelina Candian de Palma. Nasceu em Iracemápolis-SP, em 20 de dezembro de 1952. Trabalhou muitos anos como jornalista, atuando nos jornais Diário de Limeira, Diário de Pernambuco, Diário de Americana, O Liberal (Americana) e Tododia (Americana), entre outros.

Reside em Americana-SP.

O autor escreveu esta estória quando tinha 17 anos.. A primeira edição foi publicada há mais de 30 anos.

Contato pelo e-mail:

[jorgepalma@bol.com.br](mailto:jorgepalma@bol.com.br)

Dois olhos, duas vidas

## I - Estes olhos

Ele havia chegado de manhã e durante todo o dia ficou sentado, chorando, à beira de um túmulo. Estava em total desânimo. Não teria mais que quinze anos.

As pessoas que entraram no cemitério naquele dia viram a mesa de jantar e o fato acabou chegando aos ouvidos do pároco da cidade. Assim, quando ia anoitecer o menino ainda estava lá e o padre resolveu ir conversar com ele. Talvez a sua presença pudesse consolá-lo e resolver seus problemas.

Do portão do cemitério via-se o menino de costas. O padre aproximou-se devagar e perguntou:

-Posso conversar com você?

No início o menino pareceu surpreso, mas depois concordou.

-Sim padre, eu quero confessar e comungar, pois nesta noite eu morro.

-Ora, não diga isso - exclamou o padre, admirado - você ainda é jovem e tem muito o que viver. Conte-me os seus problemas.

-Eu vou contar, padre - e o menino pôs-se a falar - o senhor está vendo estes olhos? Estes olhos que me fazem ver toda poesia e beleza e toda a maldade da terra? Estes olhos que me guiaram até esta sepultura, que já fizeram parte de outro ser, estes olhos, eu sinto vontade de arrancá-los. Eu não sei se devo odiá-los, todavia eu tive um grande amor por uma parte destes olhos! O bom padre não entendeu o que o menino

queria dizer. Contudo, abraçou-se a ele e ajudou-o a levantar-se. Depois, convidou-o:

-Vamos, vamos para a minha casa e lá você me contará toda essa história.

Um tanto contrariado, o menino que se chamava Ricardo, abençoou-se diante do túmulo, murmurou algumas palavras e seguiu junto ao padre.

## II - Quando tudo era belo

Eu adorava a nossa fazenda. De manhã, bem cedo, quando tudo era silêncio lá nas goiabeiras e os pardais ainda estavam dormindo, eu me levantava e, depois de tomar café, ia para o estábulo buscar o Veloz. Era o meu cavalo mais estimado. Era marrom, bem clarinho e todas as manhãs ele percorria a fazenda levando-me em seu dorso. Assim eu passava as primeiras horas. Depois pegava meu estilingue e ia atirar pedras nos pardais. Gostava das andorinhas. Dos pardais, não.

Papais me dissera que, quando ele era jovem, milhares de andorinhas viviam no velho engenho até que chegaram os pardais. Eles multiplicaram-se rapidamente e acabaram expulsando as andorinhas. Por isso eu não gostava deles e, quando estavam fazendo festa lá nas goiabeiras, eu lhe atirava pedras com o meu estilingue.

Gostoso também era trepar na jaboticabeira, chupar as frutinhas e depois mergulhar nas águas do ribeirão que passava quase embaixo da formosa árvore.

Todavia, não era só de divertimento que eu vivia. Ajudava a tirar leite das vacas, tratar dos animais e, às vezes até ia cortar cana juntamente com outras pessoas

da fazenda.

Quando a tarde caía, aprontava as lições da escola e meu pai me levava para o ginásio da cidade próxima. Mais tarde, meu pai, ou o Juca, meu irmão, ia me buscar na cidade.

Geralmente, retirava livros da biblioteca e levava para ler sob a sombra de um maravilhoso pé de ipê amarelo. Tudo era belo e calmo. O vento balançava as florzinhas amarelas e algumas caíam sobre o livro aberto em minhas mãos. Mas então, quando amava toda aquela natureza, que ela ameaçou desaparecer para sempre de minha vida. Foi então que caiu sobre mim a ameaça de ficar cego.

### III - E eu conheci Estela

O pátio do hospital também era bonito. Tinha árvores e passarinhos. De certo modo compensava a manhã que tinha perdido de passar na fazenda. O que estava faltando ali era o meu estilingue. Se estivesse com ele, aqueles pardais não estariam fazendo aquela festa e todo aquele barulho. Mas também até que era bom vê-los cantando e voando de um lado para outro, pois o que seria dos doentes que estavam naqueles quartos se não pudessem escutar o gorjear dos pássaros?

Foi então que me entristeci. O que poderia fazer se ficasse cego. Como iria atirar pedra nos pardais? Como iria cavalgar o Veloz? Era certo que os livros, o Juca poderia ler para mim, mas de que adiantaria isso se eu não pudesse mais ver e sentir a poesia da própria

natureza?

Aquele temor me assaltava. Para não ficar em pânico, desviei a atenção para as árvores e os pardais. Mas nem aquilo veria mais se a minha doença não fosse curada.

Justamente quando nada mais conseguia me entreter, surgiu no pátio, como por encanto, aquela maravilhosa menina de cabelos dourados e olhos azuis. Então o milagre aconteceu. Esqueci de minha doença e a imagem dela tomou conta de meus pensamentos.

Ela veio devagarzinho e arriscou com delicadeza:

-Bom dia

-Bom dia! - respondi admirado. Era a primeira vez que ia via Estela e então iniciava a nossa primeira conversa.

-Você mora aqui na Capital?

-Não - respondeu ela - moro no interior, mas como estou doente, meus pais me trouxeram para fazer uma consulta médica e você?

-Meu caso é o mesmo, mas espere ai, eu ainda não sei o seu nome - disse ao mesmo tempo perguntando.

-Estela - respondeu a menina e com um sorriso replicou:

- E o seu nome, eu posso saber?

Mas é claro que ela poderia saber e a todas as perguntas que me fez, respondi com satisfação. O mesmo se deu com ela.

Estela falou-me de sua doença, mas eu desviei logo a conversa para um assunto mais alegre. Falei-lhe sobre a minha vida e sobre toda a beleza e poesia de nossa fazenda. Notava nos lidos olhos azuis a satisfação que ela sentia e percebi também que tudo o que eu lhe contava fazia surgir nela o desejo de conhecer a fazenda

de meus pais.

Conversávamos animadamente quando meu pai apareceu. Notei que ele estava preocupado, contudo forçou um sorriso quando me viu. Tão logo ele se aproximou, apresentei-lhe Estela.

-Ah então você é a Estela - disse meu pai - eu já conheço seus pais. Eles me falaram de você enquanto estávamos na sala de espera do hospital. É um prazer conhecer a filha de tão distinto casal.

Papai continuou conversando conosco. Falamos de diversas coisas e então ele surpreendeu a mim e a Estela dizendo:

-Estela, você gostaria de passar uns dias em nossa fazenda?

- Oh sim! - respondeu Estela surpresa e feliz - mas não sei se meus pais deixarão.

-Certamente que deixarão - assegurou meu pai.

-Mas eu estou doente - replicou Estela.

Meu pai é determinado. Quando punha alguma coisa na cabeça, insistia e insistia mesmo!

-Uns dias na fazenda vão lhe fazer bem. O ar do campo é bom para a saúde. Pode ficar sossegada que eu falarei com seus pais.

E falou mesmo!

#### IV - Quando tudo era mais belo

Três dias depois eu me encontrava embaixo do ipê amarelo. Agora já não lia mais poesia e sim passava o tempo compondo versos. Para todos a fazenda continuava bela, como sempre. Mas para mim estava



meio apagada. Parecia que estava faltando algo... Faltava alguém cuja beleza excedia a toda a beleza da fazenda.

Durante os três dias que passaram depois que voltei de São Paulo, todas as manhãs eu montava o Veloz e galopava com ele um bom trecho da estrada que conduzia à cidade. Ia sempre com a esperança de encontrar um carro, vindo para a fazenda, porém voltava desanimado.

Esses dias passaram-se tristes para mim. Já não me importava com os pardais. Meu estilingue jazia esquecido em um canto.

É estranho, como uma simples conversa com alguém pode mudar tanto a vida da gente! Assim, quando entrei em casa naquela tarde, estava mais desanimado como nunca.

Encontrei papai sorridente. Uma leve esperança apossou-se de mim. Então eu não sei se ele deu a notícia tão rapidamente ou se eu a ouvi antes dele dizer:

-Estela telefonou dizendo que virá amanhã,

-Eu, que já esperava alguma coisa assim, quase não acreditei. Aquilo era ótimo, era bom demais. E tudo transformou-se de repente. Eu estava novamente feliz.

No dia seguinte, horas antes dos pardais cantarem nas goiabeiras, eu já estava acordado. Para dizer a verdade, pouco dormira durante a noite e ainda assim sonhara com ela.

Por fim, o sol sorriu para tudo e quando isso se deu eu já estava junto ao Veloz. Pouco depois íamos pela estrada.

Tudo parecia mais belo e os pensamentos me saíam

pela boca como se não coubessem dentro de mim:

Vai, Veloz, vai galopando  
Vai, Veloz, cortando os campos  
Vai no seu dorso levando  
Uma alma cheia e encantos  
Vai, Veloz, vai galopando  
Que tem fim a primavera  
Mas o ipê ainda espera  
Conservando as suas flores  
Para ofertar para Estela  
Vai, Veloz, vai galopando  
Que a tristeza já tem fim  
E os campos estão belos  
E conservam-se assim  
Esperando por Estela  
Esperando por Estela".

Todos nós estávamos esperando. Parecia que até o Veloz estava feliz. Certamente a minha alegria o estava contagiando, ou não sei se era impressão minha, mas tudo era mais belo.

Então, ao longe, divisei uma poeira. Era a poeira levantada pelos pneus de um automóvel.

## V - Dias Felizes

Estela chegou! Estela chegou! Eu via tudo gritando estas palavras. O vento, as árvores, as flores, os passarinhos. Tudo para mim gritava: Estela chegou!

Como ela estava linda! E como eu estava feliz! Mais ainda fiquei ao saber que ela ia ficar três dias na fazenda. Aqueles foram os dias mais felizes de minha

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

